

VDCA Testemunhal

As **P**equenas memórias e a VDCA

Maria Amélia Azevedo

A infância – o que ela realmente foi? O que foi ela, a infância? Não se pode indagar sobre ela senão com essa atônita pergunta – o que foi ela? Aquele arder, aquele espantar-se, aquele contínuo não-poder-fazer-de-outro-modo, aquele doce, profundo, irradiante sentir-as-lágrimas-aflorarem? O que foi isso?

José Saramago – As Pequenas Memórias

Saramago demorou 20 anos para conseguir batizar o livro de cunho autobiográfico publicado no Brasil em 2006.

Quando o fez, sentiu-se na obrigação de justificar o título. “As pequenas memórias. Sim, as memórias pequenas de quando fui pequeno, simplesmente”. Como se as memórias da infância, fossem algo de segunda classe, de um tempo menor, porque vivenciadas por crianças, seres historicamente insignificantes... Esse título faz-me pensar na célebre frase com que a matriarca paulista D. Veridiana Prado marcava, nos fins do século XIX, sua visão preconceituosa de infância: “Crianças são para serem vistas, mas não ouvidas”.

Foram necessários mais de 100 anos de lutas civilizatórias para que à representação de Criança como um ser subalterno, colonizável, cidadão de 2º classe, fosse contraposta a visão de criança, enquanto pessoa em condição peculiar de desenvolvimento e cidadão pleno.

Isso representou uma verdadeira revolução copernicana em termos das relações adulto X criança, ou seja, a substituição da atitude adultocêntrica pela puerocêntrica, no trato das questões infanto-juvenis.

Mas essa substituição não teria sido possível se não tivéssemos podido contar com as muitas “pequenas memórias” de escritores nacionais e estrangeiros ao longo, sobretudo, do século XX, SÉCULO da CRIANÇA.

Através de sua leitura pudemos fazer o que Saramago recomenda, “Deixa-te levar pela criança que foste”. Mas nos adverte. “A criança que eu fui não viu a paisagem tal como o adulto em que se tornou seria tentado a imaginá-la desde a sua altura de homem. A criança durante o tempo que o foi, estava simplesmente na paisagem, fazia parte dela, não a interrogava...” E é por essa capacidade de imersão na realidade que as “pequenas memórias” guardadas da infância são importantes para se compreender, por exemplo, a VDCA testemunhal. Nesta, a criança ou adolescente presencia a Violência Doméstica dirigida a pessoas de referência (um dos pais, parente...) ou animal de estimação.

Enquanto testemunha sofre seu impacto. Daí a importância de recuperar seus pensamentos e emoções a respeito. A VDCA testemunhal é uma violência dual: de casal + contra criança /adolescente, não sendo suficiente, pois, recuperar apenas a visão da vítima adulta. Ao contrário do que ocorreu e ocorre ainda na área da VDCA de natureza sexual – em que as denúncias das vítimas infanto-juvenis costumam ser desclassificadas como falsas alegações (Cf Loftus, Elizabeth e Ketcham, Katherine (1994) The Myth of Repressed Memory, New York, St. Martin’s Griffin), no campo da VDCA testemunhal parte-se do pressuposto de que é preciso

considerar os olhares e as vozes das vítimas indiretas, ou seja, das vítimas infanto-juvenis (Cf Daphne Programme II/2004-2008 (2006) Witnessing Violence, Carrara, Italy).

Porque o impacto da violência presenciada pode permanecer nas “pequenas memórias” da infância de um Saramago e funcionar como a “matéria bruta” de que se forjou o autor. *“[nas férias] minha mãe, deixava-me entregue à avó Josefa, ia matar saudades com as amigas de juventude, a quem daria parte das suas próprias experiências da civilização, incluindo, se o orgulho e a vergonha não lhe travavam a língua, os maus tratos frequentes de um marido desnordeado pelas alegrias eróticas da metrópole lisboeta. Talvez por eu ter sido atônita e assustada testemunha de algumas dessas deploráveis cenas domésticas é que nunca levantei a mão para uma mulher. Serviu-me de vacina”.*

Sem essas lembranças talvez fosse difícil entender a apaixonada dedicatória que abre o volume autobiográfico dos primeiros 15 anos da vida de Saramago: “A Pilar, que ainda não havia nascido, e tanto tardou a chegar”.

Por isso e porque se pode aprender muito com cada criança, vale a pena enfatizar que as “pequenas memórias” da infância são sempre “pequenas grandes memórias”, importantes quando se quer compreender melhor a atitude dos adultos em questões de Violência Doméstica.

Crianças são para...



“ (...) e daí à lembrança
que vestiu tais imagens
e é muito mais intensa
do que pôde a linguagem,

e afinal à presença
da realidade, prima,
que gerou a lembrança
e ainda a gera, ainda,

por fim à realidade,
prima, e tão violenta
que ao tentar apreendê-la
toda imagem rebenta.”

JOÃO CABRAL DE MELO NETO,
“Uma faca só lâmina (ou: serventia das idéias fixas)”

Para saber mais

Azevedo, M. Amélia e Guerra, V.N de A (2005) A longa jornada da domesticação ao protagonismo infanto-juvenil –
www.recriaprojetos.com.br / Sala do Conhecimento / Nuvem Estudos.